

Miguéis, José Rodrigues

(1901-1980)



Nasceu em Lisboa, mas viveu expatriado cerca de quatro décadas nos E.U.A., apenas interrompidas por uma estada, entre 1949-50, no Brasil e por regressos esporádicos a Portugal (alguns prolongados como em 1946-47 e 1957-59). Licenciado em Direito em 1924, e em Ciências Pedagógicas em 1933 (Bruxelas), antes de emigrar, José Rodrigues Miguéis exerceu a advocacia, foi delegado do Ministério Público e professor do ensino secundário. Colaborou ativamente,

desde os anos 1920, na imprensa periódica, destacando-se a sua militância n'A República e na Seara Nova, tendo, com Bento de Jesus Caraça, dirigido o semanário O Globo (1933). Menos ativa nos E.U.A, esta vocação jornalística recrudesce no pós-25 de Abril, mediante uma colaboração intensa no Diário Popular (1975-1980). O seu empenhamento político em causas cívicas e humanitárias manifesta-se ainda enquanto estudante universitário e continuará nos E.U.A., sob a forma de artigos e intervenções públicas em defesa dos emigrantes luso-espanhóis e da crítica ao franquismo. Em Nova Iorque funda o Clube Operário Português e, em 1961, é eleito Correspondente da Hispanic Society of America e da Comunità Europea di Scrittori.

O caso de “exílio” de José Rodrigues Miguéis é bem eloquente quanto aos estratagemas do Estado Novo na repressão da vida intelectual portuguesa. Com o nome censurado nos jornais, proibido de escrever na imprensa, desiludido com a advocacia, Miguéis condenou-se, como se sabe, a um auto-exílio nos EUA.. É aí que, livre dos constrangimentos da Censura, produz uma vastíssima obra, que se estende do romance e do conto à crónica, ao ensaio e ao teatro, e à qual se junta uma importante obra ensaística, bem como uma poética do romance, exposta em paratextos diversos. Embora influenciado pelo ideário estético da Presença e do Neo-Realismo, constrói uma obra à margem de qualquer escola, que combina harmoniosamente as leituras dos seus mestres (Camilo, Eça, Raúl Brandão, Dostoevski) com a experiência vivida ou testemunhal da emigração e do desenraizamento. É inquestionável que Portugal (paisagem, sociedade, história) é a personagem nuclear da sua obra ficcional,

mas talvez em nenhum autor português do século XX os temas do exílio, do expatriamento, da emigração, da viagem e da memória, sejam tão recorrentemente tratados. Mesmo um romance “semi-policia”, com uma vertente lúdica, como *Uma Aventura Inquietante*, é, como diz Eduardo Lourenço, um “exemplo típico de literatura de exílio” (1994: 215). A génese desse livro remonta a um folhetim de 1934, ao tempo em que Miguéis, a viver na Bélgica, contacta com expatriados russos e viaja por países europeus – experiências relatadas na Seara Nova, na série de textos *Tablóides*, e fonte de inspiração para muitos contos de *Gente da Terceira Classe*. Confinado, na maior parte do tempo, ao espaço da sua casa em Nova Iorque, Miguéis, como afirma Onésimo T. de Almeida, nunca abandonou Lisboa, “a terra natal onde (...) afinal sempre viveu em espírito” (2001:13). Eduardo Lourenço corrobora esta ideia, quando afirma: “Ausente, o exilado está essencialmente na terra que deixou” (loc. cit.: 210). Desta clivagem entre ausência e presença em dois espaços nunca plenamente habitados nos dão conta muitas das narrativas de Miguéis, que tematizam a vivência de um sujeito cindido, situado numa espécie de entrelugar. Muitos dos seus protagonistas vivem o dilema comum a muitos “emigrados”: o desejo de regresso à pátria e o reconhecimento dessa impossibilidade. Por isso, para lá do macro-tema do “exílio” (ainda abordado em *O Milagre segundo Salomé*, 1975), o “retorno” é outro grande tema migueisiano – magnificamente tratado em “Regresso à Cúpula da Pena”, ou, num registo existencial, de cariz autobiográfico, em *Um Homem sorri à Morte com Meia Cara*.

Se a “América” é um lugar quase vazio na obra ficcional de Miguéis é, decerto, o contacto com a sociedade americana e a distância física da pátria que (tal como em Eça de Queirós) refina o olhar clínico, a subtil ironia, o cáustico diagnóstico que faz da sociedade portuguesa nos seus mais diversos domínios. É também essa distância que explicará, em parte, a prolixidade de prefácios e posfácios nos seus romances – lugares privilegiados para a explicação e para o diálogo com os seus longínquos leitores portugueses.

A estada de Rodrigues Miguéis nos EUA fez dele um importante agente cultural na divulgação da literatura e cultura americanas quer em Portugal quer no Brasil. Para lá do trabalho, durante quase uma década, como *Assistant Editor* das Selecções do *Reader's Digest*, Miguéis

Miguéis, José Rodrigues

traduziu grandes autores da literatura norte-americana, como Carson McCullers, Erskine Caldwell ou F. Scott Fitzgerald. O reconhecimento institucional – desde a atribuição da Medalha da Ordem Militar de Santiago de Espada (1979) aos Colóquios realizados em Portugal, graças, sobretudo, ao empenho de Onésimo T. de Almeida – ainda não se traduziu, porém, na merecida valorização pública e na redescoberta de um autor que em muito contribuiu para alargar os horizontes culturais dos portugueses no tempo do Estado Novo e para a revitalização da língua portuguesa.

Em 1983, na sequência de um trabalho conjunto de Onésimo T. de Almeida, de George Monteiro e de Camilla Miguéis, para reunir os documentos dispersos do escritor, foram criados os “José Rodrigues Miguéis Archives” integrados em “Special Collections” da John Hay Library (Univ. Brown).

Passagens

Portugal, EUA, Brasil, Bélgica.

Citações

Sabemos racionalmente que nunca se volta ao lar, nunca se repete um gesto, acto, situação, emoção ou pensamento, como (...) nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio. Somos irreversivelmente arrastados, numa curva indefinível, através do ignoto do que somos uma parte mínima. Ora, não voltar ao passado, ou não o perpetuar no presente, é perder o que somos-fomos, até como memória, que é quanto dele nos resta. (“Nota” a *Nikalai, Nikalai*: 254).

Com grande espanto, vejo logo à cabeça da lista esta coisa inesperada: *Sopa de nabos com feijão branco à portuguesa*. Nabos! Em Boitsfort! E feijão branco à portuguesa! Dei um pulo

que fez sorrir a criadinha roliça, loira e flamenga a olho nu, que desenvoltamente se viera postar a meu lado. Como a todos os portugueses, sempre me alvoroçou encontrar lá fora, fosse onde fosse, um reflexo da nossa influência civilizadora. Não há português digno do nome que, passando por Paris, não vá abrir a boca de admiração a uma esquina da Rue de Lisbonne ou do Boulevard Pereyre; que não sinta espicaçá-lo uma ponta de orgulho ao ver, em Bucareste ou Nova Iorque, a tabuleta dum mercador chamado Portugal ou Portugalov, ou achar a cada passo, por esses restaurantes, as clássicas ‘ostras portuguesas’ ou a sopa de tomate a que chamam portugaise, talvez em homenagem à nossa nunca desmentida tesura. Uma cidade chamada Lisbon, no Ohio ou no Maine (ainda há outras), ou mesmo Angola (Indiana ou Nova Iorque), enche-nos o peito de ufanía. Uma simples refeição ao madère num romance de Dumas, ou ao porto numa novela russa; a menção duma personagem cosmopolita de apelido Faria ou Paiva, bastam para nos compensar de infintos amargos de boca patrióticos. Vaidades perdoáveis em quem, como Pedro Sem, já teve e agora não tem. (...) Quando a pequena me serviu a sopa, a fumegar numa funda e portuguesíssima tigela de barro vidrado de Estremoz, o meu assombro cresceu: era a legítima, a insofismável sopinha familiar de feijão branco! Ataquei-a com todo o fervor da minha gastronostalgia, e esqueci por completo o ensaio de bordoada que me preparava para aplicar à nossa culinária. (*Uma Aventura Inquietante*, 9.^a ed.: 12-14).

[A]quela era a América dos seus sonhos de menino; a América dos seus sonhos ilimitados, dos rios diluviais, das pradarias em flor, das manadas de búfalos, dos trilhos sem fim, dos índios livres – a América virgem, primitiva, que ele pressentia e nunca pudera encontrar, que talvez nunca tivesse existido senão nos livros, no sonho... Não importa, era essa que ele buscava, a sua América, El Dorado só dele, secreto e imenso. (...) Conhecia as estradas onde só há lugar para automóveis, as vias férreas que se desdobram ao infinito, eternamente convergindo para divergir de novo, as cidades cancerosas, as fábricas ciclópicas, os silos e armazéns, o negrume das favelas, o tumulto, os distantes casais ensimesmados em monotonia e desconfiança, as fazendas em ruínas e pó, os negros desalentados, e os brancos reduzidos, como eles, à miséria e à superstição. (Para que os tinham trazido de além-mar, se não podiam preservar o Sonho?). (“A Esquina-do-Vento”, in *Gente da Terceira Classe*, 6.^a

Miguéis, José Rodrigues

ed.: 112)

Bibliografia Ativa Seleccionada

- MIGUÉIS, José Rodrigues (1946), *Onde a Noite se Acaba*, Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos.
- (1956), *Saudades para Dona Genciana*, Lisboa, Iniciativas Editoriais (obra incluída em *Pass(ç)os Confusos*).
- (1958), *Léah e Outras Histórias*, Lisboa, Editorial Estúdios Cor (Prémio Camilo Castelo Branco).
- (1958), *Uma Aventura Inquietante*, Lisboa, Iniciativas Editoriais.[ed.ut. (1989) 9ª ed., Lisboa, Editorial Estampa].
- (1959), *Um Homem Sorri à Morte – Com Meia Cara*, Lisboa, Editorial Estúdios Cor.
- (1960), *A Escola do Paraíso*, Lisboa, Editorial Estúdios Cor.
- (1962), *Gente da Terceira Classe*, Lisboa, Editorial Estúdios Cor.
- (1964), *É Proibido Apontar – Reflexões de um Burguês – I*, Lisboa, Editorial Estúdios Cor.
- (1971), *Nikalai! Nikalai!* Seguido de *A Múmia*, Lisboa, Editorial Estúdios Cor.
- (1973), *O Espelho Poliédrico*, Lisboa, Editorial Estúdios Cor.
- (1974), *As Harmonias do “Canelão” – Reflexões de um Burguês – II*, Lisboa, Editorial Estúdios Cor.
- (1975), *O Milagre Segundo Salomé* (2 vols.), Lisboa, Editorial Estúdios Cor.
- (1982), *Pass(ç)os Confusos*, Lisboa, Editorial Estampa.
- (1996), *Aforismos & Desafortismos de Aparício*, Lisboa, Editorial Estampa.

Bibliografia Crítica Seleccionada

- ALMEIDA, Onésimo Teotónio (ed.) (1984), *José Rodrigues Miguéis: Lisbon in Manhattan*, Providence, Rhode Island, Gávea-Brown.
- (1987), “José Rodrigues Miguéis: Um arranha-céus que falava português”, in *L(usa)lândia*:

Miguéis, José Rodrigues

A Décima Ilha, Angra do Heroísmo, Dir. de Serviços de Emigração, pp. 107-108.

— (1987), “Emigrados e Atrevidos”, in *L(usa)lândia: A Décima Ilha*, Angra do Heroísmo, Dir. de Serviços de Emigração, pp. 117-118.

— (1995-96), “José Rodrigues Miguéis: Um estrangeirado que nunca foi” in *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, S 5, n. 19-20, pp. 149-158.

— (2001), “José Rodrigues Miguéis: uma vida em papéis repartida” in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Dezembro 12.

— (2001), “José Rodrigues Miguéis: Escrevente de primeira classe” in *Expresso / Revista*, Dezembro 8, pp. 122-124.

ALMEIDA, Onésimo T.; Rego, Manuela Rego (eds.) (2001), *José Rodrigues Miguéis: Uma Vida em Papéis Repartida*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.

CORTESÃO, Jaime (1958), “Regresso do Filho Pródigo”, in *O Estado de São Paulo*, 30 Novembro, p. 80.

FERREIRA, José Gomes (1958), “José Rodrigues Miguéis ou o desdém pelo destino”, in *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, 2.^a Série, nº 82, Janeiro, pp. 8-9 e em *Relatório de sombras ou A memória das palavras II*, Lisboa, Moraes, 1980, pp. 107-112.

FREITAS, Vamberto (2001), “Miguéis e a Luso-Americanidade Literária”, in *José Rodrigues Miguéis: Uma Vida em Papéis Repartida*, ed. por Onésimo T. Almeida e Manuela Rego, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 93-103.

KERR, John Austin, Jr. (1970), *Aspects of Time, Place and Thematic Content in the Prose Fiction of José Rodrigues Miguéis as Indications of the Artist's Weltansicht*, Madison, The University of Wisconsin. [Tese de doutoramento /Doctoral dissertation].

— (1976), “Regresso à Cúpula da Pena: Integration, reintegration and its partial frustration”, *Language Quarterly*, Tampa.

— (1977), “António Cosme as a luso-american hero and other matters”, *Language Quarterly*, Tampa, pp. 47-49.

— (1981), “Miguéis’ luso-american short stories: Aspects of a triad”, *José Rodrigues Miguéis: Lisbon in Manhattan*, Providence, Gávea-Brown, Vol. 12, n.1 (Jan.-June) p. [3]-13.

LEPECKI, Maria Lúcia (1979), “Rodrigues Miguéis: O Código e a Chave (a propósito de Nikalai! Nikalai!)”, in *Meridianos do Texto*, Lisboa, Assírio e Alvim, pp. 71-96.

Miguéis, José Rodrigues

- LOURENÇO, Eduardo (1994) “As Marcas do Exílio na Obra de J. R. Miguéis” (1981), in *O Canto do Signo. Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa, Editorial Presença, pp. 209-219.
- MACHADO, Álvaro Manuel (1976), “José Rodrigues Miguéis – O Milagre Segundo Salomé”, in *Colóquio/Letras*, Novembro, n.º 34.
- MARINHO, Maria de Fátima (2002), “José Rodrigues Miguéis”, in *História da Literatura Portuguesa – As Correntes Contemporâneas. Vol. 7* (dir. de, em colaboração com Óscar Lopes), Lisboa, Alfa, pp. 129-134.
- MARQUES, Teresa Martins (1994), *O Imaginário de Lisboa na ficção narrativa de José Rodrigues Miguéis*, Lisboa, Estampa.
- MOURÃO-FERREIRA, David (1965), “Imagens da Bélgica na Moderna Literatura Portuguesa”, in *Notícias*, Lourenço Marques, A. 40, 2 Maio, p. 15.
- NEVES, Mário (1990), *José Rodrigues Miguéis: Vida e Obra*, Lisboa, Caminho.
- ORNELLAS, José N. (1980), “Gente da Terceira Classe de J. Rodrigues Miguéis: Bilinguismo e biculturalismo”, in *Proceedings of the Fourth National Portuguese Conference*, Providence, Multilingual Multicultural Resource Center.
- PALLA, Maria Antónia (1981), “Último encontro com José Rodrigues Miguéis: A ‘aventura inquietante’ de um exilado”, in *Express-R.*, 5 Setembro, pp. 28-30.
- SALEMA, Álvaro (1959), “Um Escritor Voltado ao Futuro”, in *Jornal do Comércio*, 21 de Junho.
- SAMPAYO, Nuno de (1972), “Crítica Literária: Nikalai ou a Legitimidade do Tema Estrangeiro”, in *A Capital, Literatura e Arte*, 1 Março, p. 4.
- SAYERS, Raymond (1984), “The América of José Rodrigues Miguéis”, in *José Rodrigues Miguéis: Lisbon in Manhattan*, ed. por Onésimo T. Almeida, Providence, Gávea-Brown, pp. 21-35.
- SERRA, Ana Paula (1997), *A Sensibilidade de José Rodrigues Miguéis: neo-realismo, saudosismo e exílio*, Michigan, UMI. [Tese de doutoramento em filosofia / Doctoral Dissertation].
- VASCONCELOS, Taborda de (1959), “Dimensões Nacionais de José Rodrigues Miguéis”, in *Mundo*, 2 Julho, p. 40.

Maria de Lurdes Sampaio